

# O ACADEMICO

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

NUMERO 1

1 ANNO

## DUAS PALAVRAS PREVIAS

Não nos cumpria deixar correr mundo o nosso jornal sem dirigir-mos ao publico duas palavras previas.

Comprehendemos assás a responsabilidade que pesa sobre quem enceta publicações identicas á que hoje temos a honra de subjeitar ao criterio publico: felizes de nós se soubermos arrostar com ella.

Comtudo estamos convictos de que merece tanta benevolencia o — **Academico** — quanto sympathicos e alevantados são os principios que professa.

Não é o propugnador abjecto de crenças acanhadas e baixas que degradam o homem em vez de o conduzir á perfectibilidade: não, é o soldado intrepido que defende causas boas e justas, principios nobres e grandes. A lucta que elle offerece não é a que se batalha no campo da injuria, do duesto; mas sim a que se peleja no campo dos principios e da cortezia.

Desde já convidamos todos a alistarem-se no batalhão das lettras. Dirigimo-nos principalmente aos moços que gastam os melhores dias da vida no lidar litterario: para elles principalmente é que o — **Academico** — foi creado. Venham: e achar-nos-hão sempre promptos a recebê-los. Não tenham horror ao limbo, que promettemos ser justos.

«*Allez chercher la force!*» dizia Michelet no seu curso de 1847, e repetimol-o hoje nós.



## A REFORMA

DO

## MARQUEZ DE POMBAL

I

Reformas ha, que regeneram as nações, como ha sabios que revolucionam as sciencias. São os espiritos do progresso e da civilisação.

O reino que enehera o mundo de admiração pelos feitos das suas armas, não o faria admirar menos pela expressão das suas leis. A nação portugueza ia dar o exemplo do que é o corpo de um pygmeu com a alma de um gigante.

Um diplomata portuguez, conversando em Paris com o general Laffayette, ouviu-lhe estas palavras: «O marquez de Pombal foi o primeiro homem da sua epocha; pena é que fizesse recuar tanto a liberdade.»

O mesmo diplomata, residindo, passados annos,

na côrte de Vienna d'Austria, conversava com o principe de Metternick sobre o assumpto, quando este lhe disse de repente: «O marquez de Pombal foi um dos homens mais notaveis do seculo; só cometteu um erro, o fazer adiantar a liberdade.» Esta antithese curiosa mostra que os homens avaliam quasi sempre os acontecimentos, não segundo as circumstancias dos tempos, mas á feição da politica e dos prejuizos individuaes.

A administração do marquez de Pombal teve um caracter especialmente seu: foi a liberdade escrava e o absolutismo livre. Abatendo o privilegio da classe elevada, o marquez libertou o povo, levantando as classes medias, como elemento politico e economico, sobre as columnas abaladas do poder ecclesiastico e da fidalguia. Se no paço era mais do que rei, na rua veio elle proprio abrir o botequim popular para generalisar a convivencia commum.

Assim, em todas as formas porque dirigiu o seu governo, em todas as direcções que deu ao seu systema administrativo, appareceu o caracter do despotismo e da liberdade. Dava a liberdade, mas revestida do *motu proprio*, *sciencia certa* e *poder absoluto*.

A liberdade vivia, mas vivia só pelo seu braço. Dizia, como Luiz XIV, *a nação sou eu*, e como era um gigante, a nação foi gigante com elle. Outorgava a liberdade, não como carta de direitos, mas como um grande principio de factos. Queria dal-a, retrahil-a, amoldal-a, elastical-a onde lhe conviesse, e como lhe parecesse. Emprestava a liberdade, mostrando sempre que era o proprietario d'ella.

Desejava regenerar o povo, mas não que elle se regenerasse.

Queria reter as redeas do mesmo modo que as alargava.

O marquez de Pombal conseguiu o seu intento. Que idearia aquelle espirito que não realisasse?

O absolutismo illustrado era então um progresso.

Tentativas d'aquellas não se repetem, porque os actores morrem sonhando no impossivel, ou desapparecem ao apupo das multidões.

Assim considerado, o caracter que symbolisa o governo do marquez de Pombal estampa na historia portugueza o cunho da libertação pelo absolutismo.

A instrucção primaria e a educação popular, quasi desconhecidas, pelas razões que temos examinado no correr d'este escripto, não podiam passar despercebidas para o marquez. Vamos assistir á instituição da reforma.

A lucta politica entre o ministro de D. José e a Companhia de Jesus, lucta de dois gigantes, que terminou pela queda do menos forte, é estranha ao nosso assumpto.

Tratâmos da companhia só pela face da educação e instrucção, que passo a passo lhe foram subtrahidas.

O marquez de Pombal começou por contrapôr ao

ensino jesuitico outro ensino tambem religioso, o das congregações, ás quaes concedeu que estendessem a todos os seus collegios das provincias o privilegio de examinarem os alumnos seculares, como D. João v permittira á congregação da côrte. D'este modo a Universidade de Coimbra libertava-se, em parte, da influencia jesuitica. D'alli a tres annos o patriarcha de Lisboa determinava «pelos justos motivos do serviço de Deus e do estado» que ficassem suspensos os jesuitas de prégar e confessar. (*Provisões de 7 de Junho de 1758 e de 15 de Maio do mesmo anno*).

Fôra dos paços reaes, sem o imperio das consciencias dos reis, sem o pulpito, sem o monopolio do ensino, a companhia teve de recuar palmo a palmo na educação nacional exactamente por cada um dos elementos por onde vimos anteriormente que tinha caminhado, até que foi dispensada completamente da direcção dos estudos no anno de 1759.

Tres mezes depois os jesuitas eram expulsos do reino, e passados quatorze annos o pontifice Clemente XIV extinguiu a ordem em todo o orbe.

(*Continua*)

D. ANTONIO DA COSTA.

---

## N'UM ALBUM

(IMPROVISO)

Tens um filho, senhora, e prasa a Deus que vejas  
O porvir ofertar-lhe os bens que o mundo tem.  
Lograrás quanto ha bom; mas não quanto desejas...  
São infinitas sempre as ambições da mãe!

Lisboa

BULHÃO PATO.

---

## O SERRALHO

### EMANCIPAÇÃO DA MULHER

---

Se o homem é um pequeno mundo, a mulher é o ceu d'esse mundo, segundo a admiravel concepção calderoniana, que consagrou o sentimento mais perfeito da nossa vida, e deu á civilização o esplendor de uma nova luz, á historia a grandeza de uma nova idea, á familia a suavidade e doçura de novas afeições e á sociedade o seu eterno elemento de renovação e de combate.

No sanctuario do nosso espirito existem aromas para incensar todas as verdades, faiscas para dar movimento a todos os sentimentos, energias fecundas para produzir todas as creações, porque lá está sempre viva a chamma do amor, na qual se fundem as aspirações mais puras. Apagae-a por momentos e vereis sumir-se uma a uma as estrellas do ideal, que scintillam no ceu de nossa alma e ahí derramam a luz brilhante que illumina constantemente o caminho incerto do nosso destino.

A mulher é vestal que alimenta com a substancia de seu espirito, com a magnifica influencia de seu coração, aquelle ideal, que tem produzido tantas maravilhas no campo da arte, onde o amor se transforma em inspiração e constitue o principio supremo da belleza.

Na familia, no estado, na religião e na litteratura encontrareis sempre a influencia da mulher, se os seus encantos e virtudes se poderem dignamente manifestar. Á poesia dá variedade, á litteratura movimento, á religião sentimento virginal, á sociedade fraternidade e á familia educação.

As civilizações, com as suas variadas tendencias, com a acção de seus diferentes elementos, com os enormes vicios que por vezes as desvirtuaram, nem sempre conheceram aquella extraordinaria influencia da mulher, nem sempre prestaram a este ser igual ao homem o culto a que tem direito pela grandeza dos seus dotes e acção que exerce no destino geral da Humanidade.

Vêde como tudo é calamitoso nas sociedades em que ella foi aviltada pelas leis e costumes. No oriente, berço de sciencias, artes, litteraturas e religiões, a polygamia arroja aos mercados, á maneira de objecto de commercio, o ser que inspirou as eternas e immortaes concepções de Miguel Angelo e de Raphael, infundiu na alma do Dante os segredos d'aquella poesia divina que é como que a inauguração da civilização moderna, deu a Calderon a chave de um novo mundo dramatico, e sustentou na alma do grande e desventurado Camões, a energia creadora com que ergueu esse templo de ouro, esmaltado de finissimos labores e adornado com todas as riquezas de um genio sublime — *os Lusíadas*.

Qual foi o resultado?

O resultado foi que o Oriente nunca pôde escapar aos laços da theocracia, que paralysoou na India o movimento da civilização sanskrita e immobilisou o Egypto sob o regimen das castas. A sociedade não pôde organisar-se sobre uma base juridica racional e progressiva, porque a familia não existiu.

Ao lado da nossa civilização que glorifica tanto a mulher, ao lado das nossas ideas emancipadoras, ao lado das nossas familias, que são asylos de nobres affectos, existe ainda o uso asiatico que sacrifica a honra e dignidade de metade do genero humano aos caprichos e tendencias de tyrannos, em cujos corações jamais penetraram os raios celestiaes do amor.

O *serralho* ergue-se ainda na Europa como triste e dolorosa ameaça para as nossas crenças e afeições mais puras.

Aquella barbara instituição sustenta-se ainda no Occidente, vive aqui, n'este continente, porque tem passado todas as tempestades da Liberdade, onde se têm sentido os abalos mais pronunciados do progresso, onde, finalmente, o movimento emancipador dos individuos e povos se opera com rapidez superior ás nossas previsões.

Sobre o antigo Bosphoro da Thracia ergue-se a cidade que foi a rival de Roma, que partilhou com ella o imperio do mundo, que lhe disputou a supremacia espiritual pelos seus patriarchas, e a supremacia material pelos seus conquistadores; cidade maravilhosa que parece naturalmente destinada a ser o centro de todas as mercadorias do mundo e o foco de todas as ideas da civilização.

Constantinopla, aquella moderna Babylonia que

ouviu durante a Edade Media, dentro de seus muros, a voz dos philosophos, dos theologos e litteratos, que conservava o sagrado deposito da sciencia antiga, vê ainda n'este momento erguer-se um *harem*, onde algumas centenas de senhoras são immoladas aos instinctos depravados de um tyranno bem caracterisado com o nome de Sultão, isto é, *homem poderoso*.

*Poderoso*, porque a civilisação é fraca,

*Poderoso*, porque n'este seculo de trabalho, de liberdade e emancipação democratica, muitos povos gemem ainda debaixo do peso de instituições iniquas, que são uma vergonha para a Europa, chamada christã.

*Poderoso*, porque a diplomacia das monarchias occidentaes, por uma serie de combinações politicas inexplicaveis, se esforçou por consagrar n'um tratado celebre (1) a existencia do imperio turco, com o character de imperio despotico e inimigo do direito publico europeu.

(Continua)

ALVES DA VEIGA

## A UNS OLHOS

Os teus olhos azues são duas illusões!  
iriam-se de luz e estrellam-se d'enganos;  
fazem-me recordar os lagos indianos,  
que retratando o ceu, occultam os caimões.

Porto.

JAYME FILINTO

## RECORDAÇÃO

Perguntas-me, Lydia, porque sempre a esta hora estou triste e melancholico?

Já te não lembras?

Pois lembro-me eu!

Quando te vi pela primeira vez era joven e ainda não tinha sentido em minha alma o ardor d'uma paixão; porém um teu sorriso foi bastante para captivar-me.

Desde esse momento amei-te!

Fui teu escravo!

A minha liberdade, minha gloria, meu futuro, tudo era em teu amor.

Só pensava em ti: só para ti vivia.

Ao cahir d'uma tarde, na hora solemne do crepusculo, em que o sol prestes a mergulhar-se no occaso

(1) *Tratado de Paris de 1856.*

doura as nuvens com seus fracos raios; n'essa hora torno-me triste porque me lembro do tempo que junto de ti passei.

Foi n'essa hora que, perto d'aquelle regato que deriva mansamente pelo seu leito pedregoso, te declarei o meu amor.

Foi n'essa hora que, debaixo d'aquelle caramanchão, recebi das tuas mãos uma camelia e uma trança do teu cabelo.

Foi n'essa hora, a mais triste da minha vida, que eu, partindo suffocado em prantos, te apertei em meus braços e te disse o adeus de despedida.

Foi n'essa hora que, debaixo da laranjeira, onde nos segredava-mos amor, te procurei um dia e não te encontrei.

Sentei-me e esperei-te: debalde.

Onde estavas? Nunca o soube.

O desespero e o ciume deram logo origem a varios pensamentos: e tão terribes eram elles e a tal estado de prostação me deixaram entregue, que passados instantes, dormia. Foi durante esse somno que tive um sonho em que te vi vestida de branco e com uma grinalda de flores de laranjeira, cingindo-te a fronte, dirigires-te a mim e com meia voz dizes-me: «Sou tua... segue-me...: abandono familia e patria sómente para viver a teu lado... Fugamos d'este lugar onde nunca poderemos ser felizes.»

Ao ouvir taes palavras ergui-me e acompanhei-te.

Depois de muito caminhar, e, sendo tu o guia, chegamos á margem d'um lago onde já nos esperava um barco. Ordenaste que n'elle me mettesse: não sabia resistir... obedeci.

Havia muito que sulcavamos as mansas aguas, quando de subito o ceu se vestiu de plumbeas nuvens, entre as quaes serpejava o relampago.

Os ribombos do trovão, echoando no espaço, preludiavam uma procella devastadora. Passados momentos chovia torrencialmente. E nós mettidos no fragil lenho esperavamos a cada instante ser submersos.

Não tardou muito; pois que as aguas, sublevadas pelos ventos que sopravam com furia, tragaram o barco e com ella o meu anjo d'esperanças!

Que dôr experimentei n'essa occasião!

Seria um castigo por ter arrancado do seio da familia aquella que a sorte destinára para ser a participante das minhas dôres?

Arrependido do meu proceder, exclamei: «Meu Deus, tende piedade de mim!»

Fui ouvido: immediatamente as aguas foram calmas e os ventos substituidos por uma agradável viração. Após muitos esforços encontrei o meu ser adorado; mas não dava accordo de si.

Tomei-a nos braços e a nado pude milagrosamente chegar a terra. Colloquei-a sob um copado chorrão, e empreguei todos os meios ao meu alcance para a fazer voltar a si; estava de todo exanime... toquei-a... já estava fria... em fim... era cadaver!

Desesperado lamentava a minha sorte, quando despertei; temeroso e tremulo perguntei a mim mesmo: não será o prenuncio de futura realidade?

Assim succedeu. Esse sonho tão povoado de chimeras e extravagancias foi infelizmente o augurio de

triste realidade de que fui victima: por quanto, decorridos alguns mezes, fui obrigado a deixar essa mulher a quem tanto amor votava. Cheio de maguas tive de transpôr a immensidade do oceano para longe procurar um logar que recebesse aquelle que saudoso deixava a patria querida.

Eis a razão, Lydia, porque n'essa hora me torno triste, porque busco a solidão e amo a tristeza: porque só ella se harmonisa com a minha alma, repassada de desalento; porque me recorda os dias do nosso primeiro amor, tempo ditoso de que só resta uma — saudade.

Porto.

J. C. P. BASTOS JUNIOR.



## A ACTRIZ

Era noite de festa. Além se ouvia de muitas equipagens o rodar, os ricos suas galas á porfia jubilosos buscavam ostentar.

Selecta multidão se agglomerava no interior do scenico atheneo. de um genio, cuja fama alto bradava, todos vêr querem festival tropheu.

Finda a recita todos se retiram, mil louvores tecendo á eximia actriz; affirmam que rival jamais lhe viram, e a proclamam a mulher feliz.

«Feliz, sim! — disse um joven com tristeza. —  
«Apraz-se a gloria em estender-lhe a mão.  
«Eu, que do estudo vivo na rudeza,  
«talvez o olvido tenha por condão!

Com pasmo taes palavras são ouvidas, e invido chamam quem as proferiu; mas a actriz a quem foram repetidas, olhando o despeitado lhe sorriu:

«Bello mancebo! tu julgas que a gloria que me bafeja risonha para mim adeja sem me custar amargor?

Ouve, ouve a minha historia; n'ella a balança da vida tambem has-de ver pendida ao peso de acerba dôr.

Raiar via a juventude sob um ceo puro e risonho, quando (ai! inda o creio um sonho!) no mundo me vi sem pae. Na triste mansão funcrea, junto d'elle á sepultura, presa me tinha a loucura, quando ouvi penoso ai.

Ólho! Envolta em negras vestes, os cabellos desgrenhados, os olhos ao ceo alçados, chorando, vi minha mãe.  
«Pobre filha — me disse ella —  
«teus irmãos que tanto amavas,  
«e por quem te desvelavas,  
«quem lhes dê pão já não teêm!

veo que a razão me toldava rasgar senti de repente. Curvei-me, e mui reverente os roxos goivos beijei. Abraço a triste viuva, sorrindo a meu pensamento, e, sem perder um momento, ao materno lar voltei.

Quatro formosas creanças, estendendo-me os braçinhos, disseram-me entre carinhos: «D'onde vens querida irmã? —  
Dá-nos pão. Nós temos fome. Nosso pae não nos dá nada, chorando n'esta morada, deixou-nos uma manhã.

Oh, sim! — respondi em lagrimas — sim, meus anjos d'innocencia, espero na Providencia que mui breve o pão tereis! Deus os orphãos não esquece. Se fez que gelida morte enlutasse nossa sorte, respeitemos suas leis.

Vou deixar-vos, pobres anjos. . . . Suspende, oh mãe, esse pranto; tenho a cumprir dever santo, por mim não chores, adeus! Seguir quero o meu destino, sinto n'alma a voz do genio que me diz: «Sobe ao proscenio, «tens alli o pão dos teus!»

Corri do estudo á senda,  
supportei d'elle o trabalho,  
que do amor o doce orvalho  
m'ò vinha refrigerar.

Mas ai! durante meu transitio  
quanto e quanto duro espinho  
para aplanar meu caminho —  
não fui forçada a arrancar!

Ora, a nefanda calunnia  
presa sua me fazia;  
Ora a inveja me dizia:  
«Mais ávante não has-de ir!»  
Ora a infamia odiosa  
me cercava de vis dolos  
inventando torcicollos  
para ás garras me attrahir.

Mas quiz Deus que triumphasse!  
Foi-me propicio meu fado,  
e uma noite ao tablado  
jubilosa emfim subi.  
Mas que angustia me esperava!  
Ai! se palavras tivesse  
com que narrar-te pudesse  
o que n'essa hora soffri!

Dei dois passos, parei tremula,  
oppressa de mil terrores,  
ao ver dos espectadores  
cravado em mim o olhar.  
Busquei fugir. Impossivel!  
ao chão estava collada.  
Fui da voz abandonada,  
debalde tentei fallar.

Em confuso redemoinho  
tudo em volta de mim via,  
e tremendo presentia  
que a razão ia perder.  
Corria, corria o tempo,  
e minha voz não soltava,  
firme laço a captivava,  
que eu não podia romper.

Fiz então a muda supplica:  
Oh meu Deus, antes a morte!  
Retirae de mim tal sorte;  
este viver é atroz.  
Ouvi a triste viuva,  
que por mim está orando,  
e os orphãos, que implorando  
compaixão estão de Vós!

De repente, no espaço  
descubro estranha miragem:  
de minha mãe a imagem  
resava junto da Cruz.  
Meu irmão mais pequenino

nos braços tinha dormente,  
e a ambos doce e clemente,  
sorrindo estava Jesus!

Renascer senti as forças,  
do ceo descen-me conforto,  
e meu talento já morto  
n'um momento ressurgiu.  
Soltar pude minha lingua,  
de Dous me cri inspirada  
e a multidão assombrada  
de louvores me cobriu.

Se desde então a dilecta  
da fortuna tenho sido,  
se sempre me ha estendido  
a gloria prodiga mão,  
é que ainda no espaço  
quando ao tablado eu subo,  
por alto poder descubro  
uma celeste visão.

MARIA MARGARIDA D'O. PINTO

## DO ESTADO ELECTRICO DO AR DO MAR

É o mar um vastissimo reservatorio de electricidade que o embate das vagas e as correntes do ar espalham na atmospha.

A beira-mar o ar está sempre electrizado positivamente: e é só durante as procellas, e no momento em que passam ao zenith que o cudiometro indica a presença do fluido negativo.

Sob este ponto de vista ha uma differença com o que se observa no interior das terras.

A electricidade do ar do mar é fraca ao arrebol: augmenta até seis ou sete horas da manhã no estio — oito ou nove horas na primavera e outomno — dez horas ou doze no inverno.

Depois de se ter elevado a este maximo a electricidade baixa a principio com rapidez, depois lentamente até quasi duas horas antes do nascimento do sol, época do seu minimo.

Ao approximar-se o sol do horisonte cresce novamente a electricidade; e toca um segundo maximo duas horas depois do occaso do sol, para decrescer ainda até ao dia seguinte.

As oscillações diurnas da electricidade atmospherica são pois parallelas ás da temperatura ambiente.

As tempestades são menos frequentes no mar do que na terra, por causa da maior uniformidade local do meio.

Quando após certas circumstancias meteorologicas — principalmente nos dias calmosos do estio — as nuvens se carregam d'uma quantidade consideravel de electricidade, esta espalha-se sobre toda a sua superficie e forma-lhes uma nova atmospherica.

Quando uma d'estas nuvens carregadas de electricidade vitrea se approxima do solo, a electricidade resinosa d'este transporta-se abundantemente para todas as saliencias e escapa-se por todos os pontos os mais culminantes para neutralisar no seio da nuvem a electricidade borrascosa.

Se estes effluvios são sufficientes, a nuvem volta de per si mesmo ao estado natural: mas, se a tensão electrica não está sufficientemente attenuada por estes effluvios invisiveis, o equilibrio estabelecer-se-ha facilmente pela queda rapida do raio

O que tem logar entre a terra e uma nuvem tempestuosa, passa-se igualmente entre a superficie do mar e as nuvens confinantes.

O dorso das vagas fórma outros tantos pontos asperos por onde a troca das electricidades do nome contrario se faz. Aqui e alem de tonações teem logar e se propagam de echos em echos em estrondear continuo.

(Continúa)

F. DUARTE DE SOUSA.

## PORQUE?...

A \*\*

Porque é que ao ver-te sinto  
n'esta alma um labyrintho  
de confusão e enleio?  
O teu olhar ameno  
tão limpo e sereno  
porque é que eu receio?

Se eu cogito, a mente  
la vó de repente  
ao pé da tua imagem,  
e cuido o teu retrato  
ver n'agua do regato,  
— oriental miragem —

Eu sonho só contigo...  
Eu soffro, mas bendigo  
a dôr que me devora.  
Não sei definir mesmo  
as penas que a esmo  
o coração me chora!

Que atroz effervescencia  
me queima a existencia  
ha tanto aborrecida!...

Falta-me um horisonte...  
Oh! luz que lá desponte...  
a mim falta-me a vida!

Meu Deus! Eu estremeço...  
eu sinto que enlouqueço  
n'este prepetuo ardor!  
Quem sabe se minh'alma  
talvez — perdida a calma —  
não 'sta frida d'amor?!...

Porto, Janeiro de 1878.

QUEBERTO LARO.

## GALERIA BIOGRAPHICA

### ABELARD

Pedro Abelard, filho dos nobres Beranger e Lucia, nasceu na Bretanha, na villa de Palais perto de Nantes, no anno de 1079.

Logo em criança manifestou grande intelligencia e um desejo insaciavel de saber.

Depois de precorrer as provincias para colher a instrucção que na sua terra não podia adquirir, foi para Paris, aos vinte annos, ouvir as lições de Guilherme Champeaux, notavel como rhetorico e philosopho.

Aos vinte e dous annos abriu uma escola em Melun, depois em Corbeil, e por ultimo em Paris, aonde a luz da sua intelligencia attrahiu numerosos discipulos.

Guilherme Champeaux, que primeiro fôra seu mestre e depois seu rival, defendia as doutrinas dos *realistas*, que Abelard refutou primeiramente seguindo Roscelin no campo dos *nominalistas* e depois transformando estes dois systemas philosophicos no *conceptualismo*.

A lucta dos dois philosophos foi ardente; a victoria de Abelard completa.

Chamado a Palais para assistir á luctuosa separação de seus pais que se retiravam á vida monastica á volta demorou-se em Laon, onde recebeu do afamado professor Anselmo lições de theologia, sciencia, que pouco tempo depois começou a ensinar com exito, introduzindo-lhe os processos dialecticos que fizeram com que fosse acoimado de heretico.

Fulbert, conego da Sé de Paris, fascinado pela intelligencia de Abelard e, desejando que Heloisa se instruisse, lembrou-se de o escolher para mestre de sua sobrinha, que reunia aos mais correctos dons de formosura um talento vivissimo.

Abelard e Heloisa amaram-se com paixão ardente, e d'este desditoso amor ia nascer um filho que foram obrigados a esconder da colera de Fulbert na Breta-

nha, em casa da irmã de Abelard. Foi alli que Heloisa teve o filho, a que deram o nome de Astrolabio.

Para reparação do mal desposou-a secretamente; mas Fulbert não satisfeito com essa reparação assalariou malvados que o mutilaram vergonhosa e horriavelmente.

O desditoso amante foi esconder na abbadia de S. Diniz a sua vergonha, ao passo que Heloisa professava no convento de Argenteuil.

Algum tempo depois, a instancias dos seus discipulos, reabriu a escola, continuando a attrahir numerosos ouvintes.

Mas não tardou que Champeaux e Anselmo, ajudados por alguns dos seus discipulos, fizessem com que se reunisse um concilio para julgar as doutrinas hereticas do seu livro Introducção á theologia. N'esse concilio foi Abelard condemnado; e depois de soffrer as maiores humilhações retirou-se para Ardisson, onde fez levantar um eremiterio com o nome de Paracletto, que em breve os seus discipulos converteram em colonia rumurejante de homens estudiosos.

A existencia d'este gremio scientifico excitou a colera de S. Bernardo, abbade do mosteiro da ordem de Cister, que foi sempre inimigo implacavel de Abelard.

Cançado de tantas luctas e agitações aceitou a escolha que d'elle fizeram para seu abbade os monges de S. Gildas na Bretanha, e estabeleceu no Paracletto algumas religiosas d'Argenteuil de que Heloisa foi priora.

Entretanto Abelard encontrava em S. Gildas monges tão selvagens e depravados, que tentando elle regular-lhes a sua vida monacal tentaram assassinal-o.

Voltou novamente ao ensino e escreveu outro livro — *Theologia Christianiana* — pelo que foi segunda vez accusado de heresia e condemnado pelo concilio de Sens, em que foi, como sempre, S. Bernardo o seu principal adversario.

Queria ir elle mesmo justificar-se a Roma; mas Pedro o Veneravel, abbade do mosteiro de Cluny, resolveu-o a vestir o habito da sua ordem e reconciliou-o com a Santa Sé e com S. Bernardo.

Dedicou o fim da sua vida a exercicios de piedade, e morreu em 1142, com 63 annos de idade.

Pedro Abelard cultivou todos os generos da litteratura e da sciencia do seu tempo. Perderam-se muitas das suas obras, e as que existem foram publicadas tarde; pois que só em 1616 se imprimiram sob o titulo de *P. Abelardi et Heloisae Opera, a Introductio ad Theologiam* e muitas cartas dos dois immortaes amantes; tambem se publicaram as seguintes: *Theologia Christianiana, Scito te ipsum, Dialectica, Sic et non* e *Historia calamitatum suarum*.

Victor Cousin considere Abelard o maior philosopho que produziu a França na idade media, e igual a Descartes; e Ramusat aprecia o conceptualismo d'elle como a aurora do espirito moderno.

J. BRAVO.

Das sombras d'um passado esteril, triste,  
Evoca meu espirito a ventura;  
Mas o passado é noite eterna e escura,  
Mudo sepulchro, aonde te sumiste!

Mas no mundo que habito, não existe  
Como tu tão perfeita creatura;  
E meu ser se transforma e desfigura  
N'este vasio que á minh'alma abriste.

Ai! ao menos que a magoa não se extinga  
No peito qu'inda te ama! A flôr não vinga  
Se a terra é secca e o ceu s'esquece d'ella.

Pousa, pousa á meu lado pomba linda!  
Não me abandones tu! Guia-me ainda,  
Tu, d'esta cerração unica estrella!

Porto.

HERMINIO.

## O COMMUNISMO

A Grecia foi antes do christianismo o sol que mais esplendor derramou sobre a terra. Ahi cresceu e vicejou a arte com inaudito assombro ao sopro dos maiores genios; ahi creou raizes e se desenvolveu quanto ha de mais bello e de grandioso; ahi despontaram e brilharam, com um brilho que ainda hoje nos cega a travéz de desenove seculos, — os grandes astros da poesia, da philosophia e da esculptura; ahi, tambem nos diz a historia, foi onde primeiro se applicaram as doutrinas communistas que frequentes vezes têm ameaçado o caminhar da civilisação e levado as sociedades á beira do abysmo.

Sobre este ponto ouçamos o que diz Alfredo Sudre. «Os exemplos historicos mais antigos da applicação das ideias communistas são as leis de Creta, attribuidas a Minos, e as da Lacedemonia formuladas por Lycurgo. Pouco se sabe das leis de Creta, mas podem-se avaliar pelas de Sparta ás quaes serviram de modelo. As leis spartanas de Lycurgo não realisaram completamente o systema da comunidade, mas tanto se approximaram d'elle que provem d'ellas quasi todas as utopias communistas.

«Na apreciação das leis civis e politicas dos an-

tigos, deve sempre ter-se presente, que a constituição das suas cidades assentava sobre um facto fundamental, a escravidão. A classe mais numerosa, a que pelo seu trabalho e industria creava os productos indispensaveis á vida, era excluída da humanidade e considerada mera cousa.

«Acima d'ella e do fructo de suas fadigas, viviam poucos homens livres, unicos que gosavam de direitos civis e politicos. Esses constituíam uma aristocracia ociosa e tyrannica, olhando com profundo desprezo as lides da industria e do commercio. Os unicos objectos dignos dos membros nobres da cidade eram os exercicios do gymnasio, as discussões politicas, e sobre tudo a guerra e o roubo. Só a agricultura em alguns paizes lhes pareceu digna de mercê. A litteratura, as artes e as sciencias mais tarde nasceram e apenas foram florescentes n'alguns povos que a natureza ricamente dotara.

«Nos tempos mais remotos a maior parte d'esses pequenos grupos de homens livres, que contiuiam as cidades, submettiam-se a reis investidos de auctoridade patriarchal. Foram os tempos heroicos.

«Veio depois em quasi toda a Grecia o governo republicano, aristocratico ou democratico conforme predominavam os ricos ou os pobres. Mas a democracia antiga não era a de hoje. Aquella, monopolio dos homens livres, excluía de quaesquer direitos divinos e humanos a immensa maioria do povo condemnada á escravidão; a nossa comprehende a totalidade dos habitantes de um paiz no amplexo da egualdade commum.

«Pelo nono seculo antes de Jesus Christo lavrava a desarmonia entre os fidalgotes d'uma aldeola semi-selvagem da Lacedemonia, até então suspeitos ao governo patriarchal de dous reis, suppostos descendentes de Hercules. A auctoridade dos reis despresada, as leis sem força, odio reciproco entre pobres e ricos, era o que se via na Lacedemonia. Os escravos chamados *illotas* viviam ainda mais miseravelmente do que no resto da Grecia. Lycurgo, tendo estudado as instituições de Creta, emprehendeu submeter ao pezo da lei aquella aristocracia feroz e selvagem. Captou a boa vontade dos chefes mais poderosos, deu armas aos seus apingoados e impoz pelo terror os seus planos de reforma; exemplo este a que nunca faltaram imitadores.

«Lycurgo queria cortar pela raiz os conflictos entre os pobres e ricos; affirmar a independencia da cidade; dar forças e estabilidade ao poder politico. Para isto inventou meios que depois veremos.»

(Continúa)

EDUARDO DE MELLO.

## A ALBERTO CARLOS

Se o nescio depravado, o hypocrita, hoje impera,  
se hoje no mundo (oh dôr!) a ingratição domina,  
em breve ha-de brilhar a eterna Primavera,  
— a virgem festival que os sonhadores anima! —

Não entre o desalento a corroer teu seio!  
Muita esperança, amigo! Embrança um forte escudo,  
e luta sem parar, sem medo, sem receio;  
deixa fallar os máos, que elles são máos em tudo.

Nunca toda se apaga a ideia da justiça,  
a humanidade vive, é longa a vida d'ella!  
Animo, pois, e fé. Não abandone a liça  
quem tanto ardor mostrou, tanta coragem bella.

Porto.

J. LEITE DE VASCONCELOS.

## O TEU OLHAR

Não sei porque razão o teu olhar  
Me inebria e me traz allucinado;  
Como se fosse um aroma immaculado,  
Que a fronte me viesse perfumar.

Elle possui a graça a transparencia  
Das noites estivaes e luminosas,  
E as essencias subtis e vaporosas  
Dos canticos plangentes da innocencia.

Ás vezes até penso e scismo tanto,  
Como póde o teu olhar ser minha espr'ança!  
Mais suave que um beijo de creança,  
E mais puro que a luz d'um lyrio santo

E quando até se estende pelos céos  
A fresca e rosea luz da madrugada,  
Eu penso ser então, ó gentil fada,  
— A esplendorosa luz dos olhos teus! —

Porto.

XAVIER DE CARVALHO.

## ACROSTICO

OFFERECIDO AOS ILL.<sup>mos</sup> SNRS. AVELINO MEIRELLES E A. BARBOSA.

V  
V  
E  
L  
L  
finar quero minha pobre lyra,  
vozes, suspiros, n'ella vou chorar;  
mbora digam que não sei cantar,  
ouca d'affectos, ella já delira!

I  
N  
O  
B  
insano sou; mas que poder me tira,  
'alma a amisade, eu fazer vibrar?  
h! é chimera se inda posso amar.  
em joven sou, meu coração suspira!

A  
R  
B  
vante pois; quero sagrar um canto  
osas, affectos de fragrante olor.  
emdito seja! meu intento é santo!

O  
L  
A  
uvi as vozes de profundo amor,  
oilo não sou, nem vos cause espanto,  
pobre offerenda d'infeliz cantor!

Porto.

ANTONIO M. D'ALBUQUERQUE.